

# O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA SOCIEDADE À CAUSA DA PATRIA

PUBLICA-SE AS SEXTAS FEIRAS

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 1\$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 1\$300 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

Advertencias

Assigna-se e vende-se na rua Nova n.º 3. Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas. Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua de D. Pedro 5.º n.º 13. Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

3.º ANNO

BRAGA 30 DE OUTUBRO DE 1873

Porque será?

Ainda hontem eramos atados ao pelourinho do ridiculo e hoje já fumam diante de nós os thuribulos da lisonja. Ainda hontem tinhamos nos pulsos as algemas d'um longo e duro captivo e hoje já leves de similhante pezo podemos distender o braço e apertar a mão que nos dá os parabens. Ainda hontem mostravamos na face a nodosa infamante impressa com o ferrete d'uma ignominia immerecida, e hoje já se nos pôde ler no rosto o signal de alegre expansão e vivo entusiasmo.

Porque será?

Acaso o que hontem era crime transformou-se em virtude?

Por ventura o que hontem se chamava injustiça hoje toma o nome de justiça?

Talvez o que hontem era usurpação hoje chama-se legitimidade?

Desde que a pernicioso theoria dos factos consummados lançára os alicerces de seu reinado, na sciencia e na legislação as ideias de direito e justiça desapareceram completamente da face da Europa. A maior corrente d'acontecimentos será a que envolverá em sua passagem maior numero de individuos.

A revolução que hontem desmoronou um imperio, baqueou um throno, anniquillou um principio, modificou uma instituição, é para muitos o arbitro dos destinos da sociedade.

Todos lhe devem e homenagem; todos lhe devem prestar o preito da intelligencia e do coração.

Se outra revolução maior, embora em sentido contrario, esmagar aquella e sob suas ruinas exaltar seu poderio é a esta que o mundo deve obedecer.

E' assim que os revolucionarios de hontem nos olham. Depois de haverem por largo prazo dominado a nossa situação hoje que esta lhes escapa a olhos vistos, começaram a olhar para nós como para escravos que breve vão ter os foros do senhor.

Malditos principios que deram aos fa-

ctos o que deviam dar ás ideias, á força phisica o que era sómente devido á força moral.

Havemos de triumphar, porque somos defensores do direito e da justiça e estes não morrem, e não porque as revoluções se succedam mutuamente.

Havemos de triumphar, porque somos defensores da religião do Deus vivo, e esta ninguém a pôde anniquillar, e não, porque a sorte, nos chame a passarmos pela experiencia das cousas novas.

Havemos de triumphar porque somos defensores da independencia e nacionalidade de nossa patria e esta não é d'um partido sómente, mas de todos os seus filhos e não porque os acontecimentos da Europa sejam o unico meio da nossa restauração.

A respeito da restauração da monarchia hereditaria em França.

Sem prejudicarmos as ultimas noticias ácerca da resolução do partido monarchico sobre a bandeira, carta e constituição, damos publicamente a um artigo que nos deparou o excellente jornal o «Univers».

Parece-nos exigente de mais o celebre defensor dos direitos da Egreja e do throno; no entanto não deixa de ter alguma razão o grande escriptor, attendendo ás desmedidas concessões que os liberaes francezes pertendem de Henrique V.

Com a devida reserva o publicamos.

Um primeiro perigo ameaça a restauração monarchica, e esse perigo é o de ella não ser feita como deve ser. Até agora a situação está intacta: o conde de Chambord n'um manifesto ao povo francez proclamou solememente seu principio e seu direito: os principes d'Orleans submetteram-se ao rei: a assembleia nacional, em maioria, está decidida a restabelecer a monarchia, e o paiz, na sua maxima parte, deza-a e aceita-a: tudo va bem: os designios de Deus sobre a França executam-se.

Mas já o liberalismo se agita em redor do throno que a Providencia levanta. O mesmo erro que penetrou na Egreja

ataca a realza. Os partidarios do catholicismo liberal são tambem os fautores da monarchia constitucional. O rei é assalto por elles. Os liberaes procuram annullar o manifesto do conde de Chambord, desnaturar a submissão dos principes d'Orleans e trahir a monarchia. Não se contentam com receber o rei que Deus reservou á França, tal qual elle é, segundo o direito e a tradição; pretendem fazer um rei á sua feição e segundo suas ideias. Estes homens peccam contra o bom senso e não são fleis ao paiz.

A França que quer um rei, não tem em conta alguma a monarchia parlamentar.

Ainda assim, esses homens querem fazer prevalecer suas opiniões. Podem ser causa ou de que a monarchia se frustre, ou de que ella não seja o que deve ser. Ella se frustrará, se elles se obstinam em suas temerarias tentativas junto do conde de Chambord. O rei não pôde nem ceder nem transigir. Se cede depois de haver dito que era tudo por seu principio, fica sendo nada; se transige, comprando a realza por essa transacção, abdica seu direito.

O throno não pôde ser objecto de uma mercancia. Ninguém pôde dizer ao conde de Chambord: Dae-me a bandeira, dae-me a constituição e eu vos darei o throno.

Tal contracto é a negação do direito real. O rei é o rei. Poderemos querer receber-o ou não; mas não podemos pedir-lhe cousa alguma incompativel com seu titulo. Com um candidato a presidente da republica podem assentar-se condições: com aquelle que tem direito ao throno não se podem ellas fazer. Se reconhecemos o rei, a monarchia encontra-se constituída: a lei tradicional é a constituição. Pedir ao rei concessões que elle não pôde fazer, é pedir-lhe que não seja rei: solicitar-lhas em nome de interesses contrarios a seu direito é, para fazel-o reinar, prival-o das mesmas razões de reinar. Os liberaes tem todas as inconveniencias d'um erro inconsciente: sua utopia é quererem fazer a monarchia sem o rei.

Apesar de todos esses maneios, esperamos a monarchia com o rei. A agitação dos homens nunca se nos aligou mais

do que vem a ser Henrique V?

As melhores armas para defendermos nossas ideias são as que nos proporcionamos nossos inimigos.

Quando elles fallam d'um modo que nos é favoravel não podemos ter duvida de que o nosso triumpho é inevitavel. Eis o que nos leva a transcrever em nossas columnas um trecho do correspondente de Paris para o «Commercio do Porto».

Vejam-se a este espulho os que por ahí blasonam contra as monarchias legitimas.

«Os francezes voltam-se para o conde de Chambord, porque este principe possui e representa, no mais alto grau, aquillo de que tem a maior precisão: um typo, um symbolo, uma promessa de ordem, de dignidade, de boa fé, de direito razoavel, de obediencia, de disciplina, de subordinação e de estabilidade. Os francezes já estão cansados de grandes phrases, de argumentos scenicos e de poesia de taverna, que lhes tinha estragado o espirito antes de os lançar no abysmo ainda aberto onde desapareceram a nossa fortuna e a nossa honra. Esperam que a monarchia lhes dê alguma tranquillidade, e estimam a tranquillidade e a authority que lh'a dá. Ninguém os desviará actualmente d'este proposito.

Ouçoz dizer ao redor de mim que Henrique V virá para França com todos os

minha e que eu era o senhor de transformar os seres.

Lisongeado por esta ideia do poder, excitado pelo prazer, que tinha sentido, colhi um segundo e um terceiro fructo e não me cancei de exercer minha mão para satisfazer o meu gosto; mas uma languidez agradável, assenhoreando-se pouco a pouco de todos os meus sentidos entorpecou os meus membros e suspendeu a actividade da minha alma. Julguei a minha inacção pela molleza dos meus pensamentos; as minhas sensações embotadas arredondavam todos os objectos e não me apresentavam, senão imagens fracas e ma terminadas. Neste momento, meus olhos, tornados inertes, se fecharam e minha cabeça não sendo mais sustentada pela força dos musculos, pendeu-se para encontrar um apoio sobre a relva. Tudo foi riscado, tudo desapareceu. O vestigio de meus pensamentos foi interrompido e perdi o sentimento da minha existencia. Este somno foi profundo, mas não sei se foi de longa duração; porque não tendo ainda a ideia do tempo não podia medi-lo. O meu despertar foi um segundo nascimento, sentindo sómente que tinha deixado de existir. Esta anniquillação que acabava de experimentar, me deu alguma ideia de temor e me fez sentir que eu não podia existir por muito tempo.

Tive uma outra inquietação: e não sabia se tinha deixado no meu somno alguma parte do meu ser. Ensaiei os meus sentidos procurei reconhecer-me.

Neste momento o astro do dia, no fim do seu curso, apagou a sua luz. Percebi apenas que tinha perdido o sentido da vista e que existia muito para temer de cessar de existir, mas isto foi inutil porque a obscuridade, em que me encontrava, me trouxe a ideia do meu primeiro somno.

Buffon — Hist. Nat. do homem.

tinham ferido meus olhos me pareciam em em comparação, senão pontos luminosos.

Examinei-me por muito tempo, contemplava-me com prazer, seguia minha mão com os olhos e observava os seus movimentos. Tive além de tudo isto ideias as mais estranhas; julgava que o movimento de minha mão não era senão uma especie d'existencia fugitiva, uma successão de coisas similhantes; aproximei-me de meus olhos; ella me pareceu então maior do que todo meu corpo, e fez desaparecer a minha vista um numero infinito de objectos.

Comencei a suspeitar de que havia illusão n'esta sensação, que me era transmitida pelos olhos. Eu tinha visto distinctamente que minha mão não era senão uma pequena parte de meu corpo e não podia comprehendêr que ella fosse aumentada a ponto de me parecer d'uma grandezza extraordinaria. Resolvi então de me não fiar senão em o tocar, que me não tinha ainda enganado e de estar em guarda a todas as outras maneiras de sentir e de ser. Esta precaução me foi util: tinha-me posto em movimento e marchava com a frente activa e voltada para o ceo, mas de repente bati contra um palmeiro; cheio de espanto levei minha mão sobre este corpo estranho; eu o julguei tal porque me não deu sentimento por sentimento. Afastei-me com uma especie de horror e conheci pela primeira vez, que havia alguma coisa fóra de mim. Mais agitado por esta nova descoberta, do que tinha sido por todas as outras fiz esforços para me animar e depois de ter meditado sobre este acontecimento, concluí que devia julgar dos objectos exteriores, como tinha julgado das partes de meu corpo e que não havia senão o tacto, que pudesse assegurar-me a sua existencia. Procurei então tocar tudo o que via: quiz tocar o sol; estendi os braços para abraçar o horizonte e não encontrei senão o vazio dos ares. A cada experiencia que eu tentava, caía de surpresa em surpresa, porque todos os objectos pareciam estar igualmente perto de mim e não foi senão por uma infinidade de provas que intendi devia servir-me de meus olhos para guiar minha mão, e como ella me desse as ideias todas diferentes das impressões, que eu recebia pelo sentido da vista, minhas sensações não estando d'accordo com ellas, meus juisos eram mais imperfeitos e o total de meu ser era ainda para mim uma existencia em confusão.

Profundamente occupado de mim, do que eu era, do que eu podia ser, as contrariedades que acabava de experimentar me humilharam. Quanto mais reflectia, tantas mais duvidas se me apresentavam. Cansado por tantas incertezas, fatigado pelos movimentos de minha alma, meus joelhos se curvaram e encontrei-me n'uma situação de repouso. Este estado de tranquillidade deu novas forças aos meus sentidos.

Eu estava sentado á sombra d'uma bella arvore, os fructos d'uma côr vermelha desciam em fórma de cachos ao alcance da mão. Toquei-os com ligeireza e immediatamente se desprenderam do ramo como o figo se desprende no tempo da sua madureza.

Tendo tomado um d'estes fructos; imaginei ter feito uma conquista e vangloriei-me da facultade, que sentia em poder conter na minha mão um outro ser inteiro. Seu pezo, ainda que pouco sensível, me offereceu uma resistencia animada, que tinha prazer de vencer. Aproximei este fructo de meus olhos e examinei-o na fórma e nas côres. Um odor delicioso m'o fez aproximar mais; encontrando-se perto de meus labios, extrahi a longas aspirações o perfume, e gozei a longos tragos os prazeres do cheiro. Estava inteiramente cheio d'este ar embalsamado. Minha bocca se abriu para o exalar e se reabriu para o tornar a tomar. Sentí que possuia um cheiro interior mais fino, mais delicado ainda do que o primeiro; em fim comi. Que sabor! Que novidade de sensação, até á qual eu não tinha experimentado senão prazeres; o gosto me deu o sentimento da voluptuosidade. A intimidade do gozo fez nascer a ideia da possessão. Julguei que a substancia d'este fructo se tinha tornado

erros do antigo regime. Não acredito e posso estar tanto mais convencido do contrario, que leio esta manhã em todos os jornaes uma carta dirigida pelo conde de Chambord a um deputado seu amigo, o visconde Rodez de Benevent, que tem grande importancia nas actuaes circunstancias.

Como se vê, esta missiva responde victoriosamente a todas as calumnias tão grosseiras como vergonhosas que se espalharam entre o povo contra a monarchia, desde que o medo se apoderou dos radicaes e dos seus cúmplices, os republicanos, ditos conservadores e moderados. Vê-se em que termos o conde de Chambord respondeu a estas perdidas e infames insinuações. Eis o que se deprehe de isto: os inimigos da monarchia não tem senão a mentira nos labios.

Resta a questão de bandeira. N'uma folha de Paris, o «Universo», lê-se o que se segue:

«Não é preciso escolher a bandeira tricolor, pela razão de que ella é, de facto, a bandeira da França. Não se escolhe aquillo que temos. A bandeira tricolor adquiriu posse; embora! Só a má fé ou uma insigne ignorancia attribuem ao conde de Chambord a ideia de arrancar a bandeira tricolor das mãos do exercito francez. Muitos jornaes citaram recentemente as palavras do conde de Chambord. O principe não afirma senão o seu direito de conservar a bandeira de sua familia, que foi a bandeira da França. Quem o censurará?

A bandeira tricolor é a bandeira da revolução. Mas, nas mãos do exercito, não é senão a bandeira da honra e do valor francez. Diremos voluntariamente: Que o exercito conserve a sua bandeira, e que a constituição não intervenha em similhante assumpto. Nem o exercito nem o rei deporão a sua bandeira. O tempo e a experiencia mostrarão qual é a verdadeira bandeira da realza e da França; dissipar-se-hão honrosos prejuizos; e a reconciliação far-se-ha nos emblemas quando ella tiver lugar nas cousas.»

Creio que assim fica bem resolvida a questão. Nada pôde impedir o conde de

FOLHETIM

TRADUÇÃO

DE

M. ROQUE FAVARES

O primeiro homem narra a historia de seus primeiros movimentos, de suas primeiras sensações, e de seus primeiros juisos depois da criação.

Eu me lembro d'aquelle momento, cheio de alegria e perturbação, em que senti pela primeira vez a minha singular existencia; não sabia o que era, onde estava e d'onde vinha. Abri os olhos, que augmento de sensação! a luz, a abobada celeste, a verdura da terra, o crystal das aguas, tudo me occupava, animava e dava um sentimento inexprimivel de prazer. Cri logo que todos estes objectos estavam em mim e faziam parte de mim. Afirmava-me n'este pensamento recente, quando voltei os olhos para o astro da luz: o seu esplendor me feriu; fechei involuntariamente as palpebras e senti uma ligeira dôr. Neste momento de obscuridade acreditei ter perdido todo o meu ser.

Afflicto, tomado de espanto, pensava n'esta grande alteração, quando immediatamente ouço sons: o cantico das aves, formava um concerto, do qual a doce impressão me delectava até ao fundo da alma; escutei por muito tempo e me persuadi bem depressa de que esta harmonia era minha.

Attento occupado inteiramente d'este novo genero de existencia esqueci desde já a luz, esta outra parte de meu ser, que eu não conheci primeiramente quando reabri os olhos. Que alegria a de me encontrar com a possessão de tantos objectos brillhantes! O meu prazer excedeu a todos, os que eu tinha sentido primeiramente e suspendeu por algum tempo o agradável effeito dos sons.

Fixei minhas vistas sobre mil objectos diversos, e soube bem depressa que eu

podia perder e tornar a encontrar estes objectos e que eu tinha o poder de destruir e de reproduzir a minha vontade esta bella parte de mim proprio; e posto que ella me parecesse immensa em grandezza, não só pela qualidade dos accidentes da luz, mas tambem pela variedade das côres, eu julguei reconhecer que tudo estava contido em uma porção de meu ser.

Comçava a vêr sem emoção e a ouvir sem perturbação, quando um ar ligeiro, do qual eu senti a frescura me trouxe perfumes, que me causaram um desafogo intimo e me deram um sentimento de amor por mim proprio.

Agitado por todas estas sensações, excitado pelos prazeres d'uma tão bella e tão grande existencia, levantei-me d'um esforço senti-me transportado por uma força incognita. Dei apenas um passo; a novidade de minha situação me tornou immovel e a minha surpresa foi extrema; julguei que a minha existencia fugia; o movimento que eu tinha feito tinha confundido os objectos; imaginava que tudo estava em desordem.

Eu levei a mão á cabeça, toquei minha fronte e meus olhos; percorri o meu corpo, minha mão me pareceu então o principal órgão de minha existencia. O que eu sentia n'esta parte era tão distincto e tão completo, o gozo me parecia tão perfeito em comparação do prazer, que me tinham causado a luz e os sons, que eu me fiquei inteiramente a esta parte solidida de meu ser e senti que minhas ideias tomavam a profundeza da realidade.

Tudo o que eu tocava sobre mim parecia dar á minha mão sentimento por sentimento, e cada impressão ou toque produzia em minha alma uma dobrada ideia.

Não estive por muito tempo sem reconhecer que esta facultade de sentir estava espalhada por todas as partes de meu ser e reconheci bem depressa os limites de minha existencia, que me tinha parecido ao principio immensa em extensão.

Eu tinha lançado os olhos sobre o meu corpo, e o julgava d'um volume enorme e tão grande, que todos os objectos que



os Papas procediam ao grande acto de deposição, uma religiosa, outra moral politica. Imaginae que um rei, tornando-se hereje, se tivesse dado a perverter...

stencão equivale a abandonar o que pertence a Deus. As eleições terão, por conseguinte, um caracter distincto das antecedentes, e será por isso talvez que o telegraph annuncia...

Noticias de França.

O «Monde» de 19 diz: «Julgamos poder afirmar que está feito o accordo entre o sr. conde de Chambord e os deputados que foram a Salzburgo...

Por sua parte o conde de Chambord não pede ao exercito o abandono d'uma bandeira sob a qual elle tem ha tanto tempo combatido. Mais que ninguem respeita elle as sympathias consagradas pela desgraça.

O essencial é que hoje o rei e a maioria da Assembleia, havendo-se estendido em tudo o que respeita á salvação do paiz, ponham promptamente termo a este estado precario que paralysa a vida nacional...

— A «Union» publica o seguinte a respeito do que algumas folhas, mormerte o «Figaro» (hoje legitimista), tem escripto sobre o resultado da conferencia de Salzburgo:

«Fs boatos espalhados pela imprensa tem sido muitas vezes causa de grandes difficuldades, mas os jornaes sérios bem conhecem que o desejo de responder ás preocupações publicas deve sempre ser temperado pelo receio de prejudicar, extraviando a opinião, as causas que tem a firme vontade de servir.»

— Estas reflexões nos são inspiradas por certos artigos publicados esta manhã em bastantes jornaes de Paris e principalmente no «Figaro».

Temos os mais sérios motivos de esperar, antes de fallar, pelos resultados do trabalho da commissão nomeada pelas quatro reuniões monarchicas.»

Diz o «Jornal des Debats»: «Depois da conciliação que se operou entre as duas grandes fracções do partido conservador, não podemos duvidar de que está seguro o restabelecimento da monarchia por uma sufficiente maioria na assembleia.»

Quando o «Jornal dos Debats» escreve isto, tambem nós não podemos duvidar de que a opposição nada pôde.

Um jornal muito sério e insuspeito, escreve ainda a este respeito o seguinte:

«Não ha duvida de que á proporção que se aproxima o termo fatal, a divisão augmenta entre os revolucionarios, e a boa intelligencia ganha forcas entre os monarchicos.»

O «Memorial diplomatico sabe de boa fonte» que Chambord participou aos gabinetes dos grandes estados europeus que não tencionava, no caso de subir ao throno, perturbar a politica das potencias nem o statu quo territorial da Europa.

Noticias de Hispanha.

Em data de 8 escrevem de Estella ao Times:

D. Carlos chegou aqui hontem trazendo consigo 6 novos batalhões, e o que é muito importante tambem, consideravel quantidade de munições.

4:500:000 cartuchos desembarcaram na semana ultima em Biscaia, e mais de metade d'elles estão actualmente em Navarra. Era grande o enthusiasmo do bom povo de Estella, tornando a ver o seu principe. Quando D. Carlos chegava e se apeava, saudavam-no os estrondosos repiques dos sinos, aos quaes vinham ajuntar-se

as estrepitosas aclamações da multidão: depois subiu logo a uma janella que dava para a praça por onde deviam passar as tropas.

Sua Magestade podia assim passar revista aos ousados e intrepidos soldados da Navarra, e os regimentos d'Alava, não menos bravos, mas peor armados e vestidos.

O general Ollo com seu estado maior foi o primeiro que passou e o saudou; seguiam-no diversos batalhões de Navarra.

Causava dó ver como alguns tinham reduzidas suas companhias depois da batalha de Mañeru (Puente la Reina): o segundo batalhão, de Radica ou de Calderon, como lhe chamam frequentemente, havia perdido no combate mais de 100 homens entre mortos e feridos, mas os que restavam bem pareciam dispostos a marchar para a morte, como quando n'aquella acção seu chefe lhes ordenou que carregassem sobre 8 mil republicanos.

Os regimentos d'Alava estavam tambem reduzidos n'uma proporção medonha.

A infantaria passou com muita regularidade, attento o pouco tempo que tem estes homens de vida militar, depois veio a artilheria: cada canhão era tirado por uma mula e a respectiva caixa por uma outra.

A attenção foi geral, quando os artilheiros se approximaram do ponto da salvação, porque aos tres primeiros tiros das peças carlistas se attribue o subito pânico que n'aquelle combate se apoderou das fileiras republicanas e a subsequente victoria das armas realistas.

Depois da revista o general Ollo apresentou a D. Carlos muitos de seus officiaes que se tinham distinguido durante a acção.

O Rei estava muito satisfeito com a victoria e me disse que sentia muitissimo não haver chegado a tempo de tomar parte activa no combate.

Parece que havia sido mandada ao general Ollo a ordem mais expressa de recusar combate antes da chegada de reforços; mas o mensageiro perdeu-se e o general navarro só recebeu a carta, depois de haver disputado e ganho a batalha.

Mas ao passo que os carlistas passam revista a 10 mil homens, em Estella, qual será o proximo movimento? Todos fazem esta pergunta. A resposta deve depender dos movimentos de Moriones...

— A partida do general carlista Santés compõe-se de 3 infantas e 40 cavalos. Sua organização é perfeita, e tem mais disciplina que a de Cuchal ou Vallés. Os officiaes desde o general ao ultimo alferes não tem mais que 8 reales diarios e uma ração de pão.

As praças de pret seis reales e pão. Quando pernoitam em alguma povoação obrigam os habitantes a que os alberguem e lhes deem de comer.

— Fundou-se em New-York uma associação intitulada Associação de S. Miguel, que tem por fim socorrer os zuavos que em Hispanha combatem por D. Carlos.

— Grande parte dos americanos que foram camaradas de D. Alfonso em Roma tem partido para Hispanha.

— Das cartas de Madrid de 22 e 25 para o «Direito»: Hoje dá conta a «Gaceta» do governo republicano d'um notabilissimo triumpho que acabam d'alcançar os carlistas na Catalunha.

Segundo os despachos recebidos no ministerio da guerra de Madrid, a columna do tenente coronel Matorana, na força de mais de 800 homens e uma peça de montanha, foi destruida nas visinhanças de Pradés, (Tarragona) pelas forcas carlistas de Cercós, Miret e Tristany no dia 19 do corrente. Já no dia 18 havia tido um encontro desgraçado a dita columna, e no dia seguinte ao reconhecer o campo, encontrou-se com os carlistas commandados pelos ditos chefes, os quaes esperam o fogo ás 11 horas da manhã, envolvendo de tal sorte a columna nas tres horas que aquella teve que render-se.

A parte official diz que não se sabe de forma positiva se morreu ou caiu prisioneiro o chefe da columna sr. Matorana. O brigadeiro Salamanca, que chegou com a columna em soccorro de Matorana, teve que retirar-se a Reus em precipitada fuga. Os carlistas depois da acção entraram na importantissima povoação de Valls.

Creio que esta nova victoria que Deus dá aos que defendem a sua santa causa hade trazer muito boas consequencias para os carlistas catalães.

— Outro successo ultimamente dado e que mais tem chamado a attenção, é a entrada dos carlistas em Caspe, a segunda das cidades aragonezas pela sua importancia, e não menos satisfação causa a entrada de 3:500 carlistas e 80 cavalos, commandados pelo general Santés, na cidade de Cuenca, capital da provincia, e que não se acha muito distante de Madrid.

D'uma carta da dita cidade copio o que segue:

Querido amigo

«Não pôde-se figurar o espanto dos liberaes e a alegria dos carlistas ao entrar Santés nesta cidade. Os poucos volunta-

rios que tentaram resistir, tiveram por fim que ceder diante dos valentes carlistas, que depois de tomar a casa de beneficencia, se fizeram immediatamente senhores da povoação. Levaram um trimestre de contribuição, o dinheiro que havia na succursal do banco, o tabaco da Administração de estancadas, os uniformes dos voluntarios e charanga da Hospicio. Tambem levaram os mancebos da reserva. Uniram-se-lhes aqui cerca de mil homens.

—No norte houve dous encontros favoráveis aos carlistas. Entrincheirados estes no dia 14 nas alturas de Villahona (Guipuz) reconheceram com descargas cerradas os republicanos, que intentando tomar a povoação de Villahona, tiveram que retirar-se com perdas consideraveis. Dous dias antes havia tido lugar outro encontro em que o brigadeiro Loma saiu muito escarmentado. Não hão de passar muitos dias sem que Bilbao caia em poder dos carlistas.

O «Boletim da guerra» da Provincia de Alava diz o seguinte:

Ordem geral do dia 9 de outubro de 1873

VILLATUERTA

Voluntarios

«O commandante general da Navarra em parte que levou ao nosso honroso, magnanimo e querido monarca, faz um justo elogio do nosso comportamento na batalha de Mañeru do dia 6 e Navarra toda agradece o concurso generoso que lhe haveis prestado. O mesmo Rei entusiasta como nenhum e que comprehende melhor que ninguem a dignidade e o valor, fallou-me hontem dos seus alavezes com a effusão do carinho mais terno, encarregando-me vos desse em seu real nome as mais sinceras graças.

A vossa querida Alava contempla-vos com orgulho, as vossas mães, a par que dirigem ao ceo sinceras graças pela conversão das vossas vidas, verterão lagrimas de prizer pela heroicidade dos seus filhos, e até os vossos inimigos, se circula nas suas veias sangue guerreiro, fallarão de vós com o respeito que merece o valor, porque o valor é uma das virtudes que mais engrandecem os homens e os povos. Eu tambem estou satisfeito e felicito-vos em nome das vossas dignas autoridades os vossos commandante general e deputado de guerra, mas para que a Europa fixe um olhar carinhoso nos vossos feitos, tornando completamente sympathica a causa santa que defendemos e a historia registre com caracteres d'ouro os vossos esforços, é preciso que sustenteis o valor com perfeita disciplina, o que conseguireis sendo subordinados, obedecendo cegamente a quem vos commanda e tendo um comportamento digno nas povoações, pois assim o quer o vosso commandante general interino.

Méndivi.

O ex.º sr. D. Rodrigo Ignacio de Varona, deputado de guerra e esta M. N. e D. L. provincia, que pelas necessidades do serviço não pôde encontrar-se ao lado dos seus alavezes, possuido do nobre enthusiasmo que estes lhe inspiram, os saud affectuosamente e orgulhoso da seu comportamento na batalha de Mañeru, lhes dá as graças desde o intimo do seu coração.

Acabo de ver a seguinte carta do commandante carlista de Villareal, Alava:

Villareal, 22 d'outubro

«Querido amigo

Reconcentradas as forcas carlistas e republicanas em Estella e Talalla respectivamente, nada de particular succedeu, occupando-se os batalhões navarreses, alavezes e biscainhos na manobra de fazer e desfazer os quadros contra a cavallaria e já o fazem perfectamente.

O melhor chegou por fim, desembarcando em Ondarroa 40 mil armas, sete peças d'artilleria, as lotações de munições correspondentes e grande numero d'uniformes.

Sem outro particular, etc.

José Portarva.

Um distincto medico militar que ha pouco chegou do norte diz-me pouco mais ou menos o seguinte:

«Eu não sou carlista; mas venho admirado do enthusiasmo, da fé, da disciplina dos batalhões de D. Carlos. Creia que todo o exercito da Hispanha é impotente para os vencer.

Estando em Puente La Reina, recebi uma carta d'um chefe carlista, pedindo-me que fosse fazer algumas operações nos seus hospitales. Fui com effeito e presenciei rasgos de admiravel abnegação.

Os prisioneiros republicanos feridos estão assistidos como os carlistas. Tentam estes com paternal solicitude os feridos. Respira-se ali tal atmosphera de caridade e de patriotismo, que attrae e encanta.

Cobreei a Rada e posso afirmar-lhe que é o typo mais completo do militar e

do cavalheiro com quem tenho tratado em toda a minha vida. Emfim, meu amigo, apesar do meu liberalismo, não posso deixar de prestar um tributo de respeito e admiração ao exercito carlista.

—As noticias da Catalunha continuam a ser favoraveis. Hoje annuncia-se que o illustre general Saballs, conde d'Alpens, está atacando Paigueró, depois de ter obtido uma victoria sobre as hostes liberaes; que Tristany persegue com grande actividade as columnas republicanas de Franch e Salamanca e que é certa a morte do coronel Matorana na acção de Pradés ou Valls. As particularidades acerca d'esta acção são interessantes.

Uma pequena partida carlista foi atraindo a columna republicana até ao ponto em que a esperava Tristany com as suas forcas. Cabiu aquella no laço tão perfectamente, que ao intentar defender-se, se viu cercada de numerosas forcas carlistas, que a destroçaram totalmente. O batalhão de caçadores de Barcelona ficou fóra do combate, podendo-se só escapar uns 40 ou 50 soldados, que lançando fóra as armas, procuraram a sua salvação em uma precipitada fuga. Todos os mais ficaram mortos, feridos e prisioneiros. Cabiu em poder dos carlistas toda a artilheria que levava a columna.

SECCÃO NOTICIOSA

Um voto de gratidão. — Celebrouse no dia 24 do corrente, na igreja dos Congregados, como tinha sido annunciada pelos jornaes d'esta cidade, a Missa de requiem por alma do ex.º Manoel de Magalhães Araújo Pimentel.

Assistiram a este acto religioso não só a illustrissima familia do finado, a dignissima Meza da Irmandade de N. S. das Dores, grande numero de jovens legitimistas, proprietarios d'este jornal, como muitissimos cavalheiros pertencentes á politica contraria.

A Missa, mandada dizer pela redacção d'este jornal, foi celebrada pelo redactor o rev.º Manoel Ferreira Marnoco e Sousa.

Houve tambem, n'esse mesmo dia, na mesma igreja, por occasião d'este suffragio, um officio e missa mandados celebrar pelo dignissimo abbade de S. Lazaro.

Testemunhos de tão valiosa amizade como este não deviam ficar em esquecimento; e nós que nos prezamos de ter sido amigos do illustre finado d'aqui tributamos a homenagem de respeito e gratidão que devemos ao dignissimo abbade de S. Lazaro, já por nos conceder licença ampla para o suffragio que fizemos, já pela sua inexcedivel prova de reconhecimento á amizade e qualidades tanto do illustre finado como da distinctissima familia á que pertencera.

Não podemos passar em silencio o modo honroso e cavalheiro com que o dignissimo juiz da Meza de N. S. das Dores, o ill.º e ex.º sr. Dr. Francisco de Campos acolhera o nosso officio de convite. S. ex.ª prestou a ultima homenagem de respeito ás excellentes qualidades do illustre finado.

Agradecemos a sua assistencia e serviços n'este acto religioso.

A mocidade legitimista de Braga, essa pleiade de mancebos generosos e dedicados que até hoje não se tem poupado a trabalhos em defeza da causa da religião e da patria, não se contentou sómente em acompanhar o cadaver do seu muito amigo Manoel de Magalhães quando este ia caminho da Gandarella, mas multiplicou em redor do finado os testemunhos de sua sincera amizade e viva saudade.

Gravou na primeira columna d'este seu jornal um artigo necrológico, onde a sua amizade e reconhecimento correram parelhas com as qualidades e caracter do illustre finado.

Demonstrou em toda a parte a pena que sentia com a perda do valeroso e prudente campeão.

Agrupou-se em redor do sacerdote, que nas aras do Deus vivo offerecera a victima expiatoria, e alli mãos erguidas, joelhos dobrados, oram pelo descanso eterno d'aquelle que passava os dias da vida nas lides espinhosas da Cruz.

Os seus mais proximos companheiros nos trabalhos da causa tres vezes sagrada, os illustrissimos membros da Commissão Districtal legitimista, tambem lhe vieram render pela segunda vez, a nosso convite, a homenagem de seus respeitos, amizade e reconhecimento.

A estes cavalheiros honradissimos o nosso mais vivo agradecimento.

A todos os nossos votos de sincera amizade e verdadeiro reconhecimento.

Concurso e despacho. — Fez concurso a uma cadeira de lente na Universidade em Coimbra o ex.º sr. Luiz Maria da Silva Ramos. Foi approvado por unanimidade.

Damos parabens a s. ex.ª não só pela nobilissima posição a que se elevou, como pelo brilhante exame em que muitissimo se distinguiu. Não era d'esperar outra coisa de s. ex.ª Por muitas vezes tivemos occa-

